

SISTEMATIZAÇÃO DO TRABALHO COM JUVENTUDES



IRPAA
CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

2024



IRPAA
CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

INSTITUTO REGIONAL DA PEQUENA AGROPECUÁRIA APROPRIADA – IRPAA

DIRETORIA

José Moacir dos Santos – Presidente
Alcides Peixinho Nascimento – Vice Presidente
Cláudia Maísa de Oliveira Souza – Tesoureira
Ângela Maria de Oliveira Souza – Secretária

CONSELHO FISCAL

Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (Coopercuc)
Rosendo dos Santos Filho
Edineusa Ferreira Sousa

COORDENAÇÃO COLEGIADA

Cícero Félix dos Santos – Coordenador Geral
Nívea Solange Rocha da Silva – Coordenadora Administrativa
Clerison dos Santos Belém – Coordenador Institucional

SISTEMATIZAÇÃO COMISSÃO DE JUVENTUDES – 2024 **CONTEÚDO**

Danilo de Souza Santos
Dilma Silva dos Reis
Elisania Pereira Santos
João Victor Nunes
Judenilton Oliveira dos Santos Souza
Júlio César Novais Santos
Paulo Cesar de Jesus Santos
Yêgo Ravel Ribeiro de Araújo Brito

REVISÃO EDITORIAL

Danilo de Souza Santos – Conselho Editorial Irpaa

FOTOS

Acervo Irpaa

DIAGRAMAÇÃO

Juliane Feitosa Lima dos Santos

SUMÁRIO

05 PREFÁCIO

07 CONTEXTO SOBRE O TRABALHO COM AS JUVENTUDES

09 COMISSÃO DE JUVENTUDES

10 PERFIL DAS JUVENTUDES ASSESSORADAS

12 MAPA DAS COMUNIDADES COM ATUAÇÃO DE JUVENTUDES ASSESSORADAS PELO IRPAA

13 CONHECENDO OS GRUPOS

15 DADOS DAS ATIVIDADES

16 VOZES DAS JUVENTUDES

18 DESAFIOS E PERSPECTIVAS

20 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

22 REGISTROS DE ATIVIDADES EM 2024





Prefácio

O Semiárido brasileiro continua sendo um território de disputas e contradições. Enquanto uns centram suas energias em reduzi-lo às secas históricas, outros atuam politicamente por políticas públicas efetivas que freiem as ameaças à existência dos povos e comunidades que fazem desse enorme pedaço de chão o seu lar. É nesse contexto que surge — e se fortalece — uma força que, assim como o umbuzeiro, insiste em florescer: suas juventudes. Este produto é, portanto, mais do que um simples registro de atividades; aproxima-se de um mapa em construção de um movimento maior: o das juventudes.

Em 2024, acompanhamos jovens que transformam desafios estruturais em ação coletiva. São indígenas, quilombolas, agricultores familiares e comunicadores que não aceitam o que é imposto por quem desconhece as especificidades da região. Seus depoimentos revelam uma verdade incômoda: permanecer no campo não é romantismo — é resistência. Contudo, essa resistência exige disputar acesso e permanência na terra, garantir proteção aos territórios, promover tecnologias sociais, educação de qualidade, geração de renda, acesso a tecnologias digitais e, por último — mas não menos importante — poder.

Essa juventude vem mostrando que, por aqui, a formação política não se limita a cursos. Ela é ferramenta para questionar relações de gênero e diversidade sexual, ao confrontarem o machismo enraizado em suas famílias. Do mesmo modo, a comunicação comunitária não é um passatempo, mas uma ferramenta de luta — um instrumento de resistência ao reescreverem as narrativas sobre seu território. Mesmo as questões mais sensíveis, como ser da comunidade LGBTQIAPN+ e lidar com a diversidade sexual no campo, tornam-se ato político quando vividas abertamente nos territórios onde essas juventudes resistem e constroem.

É nesse sentido que este material revela como o IRPAA, atuando em parceria com diversas organizações sociais, movimentos populares e instituições públicas, opera na tensão entre dois tempos: o urgente — das demandas imediatas por água, segurança alimentar, defesa da Caatinga em pé, renda e permanência na terra — e o longo — da construção de lideranças capazes de transformar estruturas.

Assim, os dados aqui apresentados não devem ser lidos como casos isolados. Juntos, formam um padrão de insurgência criativa que emerge das comunidades tradicionais, dos territórios e das juventudes. Este material é, portanto, um convite ao leitor: ver além dos números. Nas páginas seguintes, encontrará também perguntas. Por exemplo: o que significa sucessão rural quando o agronegócio, os grandes empreendimentos eólicos, fotovoltaicos e de mineração avançam sobre territórios tradicionais, ameaçando vidas, tradições, modos de vida e relações com a terra?

Mais do que relatar, esta sistematização é sinônimo de provocação. Porque trabalhar com juventudes no Semiárido exige escolher um lado: ou se acredita no seu poder transformador, ou se perpetua a lógica assistencialista e a naturalização dos efeitos gerados por ações totalmente descontextualizadas da realidade desses jovens. As vozes reunidas aqui já fizeram sua escolha.

Comissão de Juventudes do IRPAA, dezembro de 2024.





Contexto sobre o trabalho com as juventudes

A juventude, com suas características e demandas específicas, ocupa um papel fundamental nas transformações sociais e econômicas das comunidades. No contexto do Semiárido brasileiro, essa parcela da sociedade enfrenta muitos desafios, como a falta de acesso a oportunidades educacionais, emprego, renda, espaços de participação e, muitas vezes, a marginalização social. O trabalho com as juventudes visa potencializar suas habilidades, dar voz às suas reivindicações e promover ações que fortaleçam suas identidades e sua inserção ativa na sociedade.

A juventude do campo tem como característica uma grande diversidade territorial e de modos de vida, representada por cerca de 6 milhões de jovens no meio rural brasileiro (PNAD/IBGE, 2020). São pessoas com idade entre 15 e 29 anos (Estatuto da Juventude, Lei 12.852/2013): mulheres e homens da agricultura familiar, da reforma agrária e dos povos originários e comunidades tradicionais — indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, quebradeiras de coco, ribeirinhos, extrativistas, entre outros.

A população jovem do Brasil é de aproximadamente 24%, e a da Bahia, de 24,9%. Os últimos dados disponíveis sobre a população e faixa etária na zona rural mostram que a Bahia tinha 27% de jovens (15–29 anos), o que corresponde a aproximadamente 891 mil jovens residindo em áreas rurais (Projeção do IBGE, 2022).

A crise ambiental e hídrica, a qualidade da educação e o acesso a oportunidades educacionais, as dificuldades em encontrar empregos estáveis e em conciliar estudo e trabalho, os problemas de saúde mental, a violência urbana e o racismo estrutural são algumas das preocupações das juventudes no Brasil atualmente. No meio rural, a realidade é marcada pela presença de juventudes sem acesso à terra, pelo assédio de empreendimentos que, além de outras falsas promessas, oferecem empregos precários — somado à falta de políticas públicas que garantam condições estruturantes para a sucessão rural. Esses são alguns dos desafios enfrentados.

A diversidade é a principal característica dos jovens brasileiros. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a juventude é composta por:



Estimativas de grupos do movimento LGBTQIA+ apontam que existem cerca de 20 milhões de jovens gays (10% da população), 12 milhões de lésbicas (6%) e 1 milhão de pessoas trans (0,5%).

Constata-se que a maior parte dos jovens deseja permanecer no campo, ou seja, deseja construir projetos de futuro nas áreas rurais. O êxodo, diferentemente de outras décadas, não constitui a opção principal das juventudes. Entretanto, para que permaneçam, são necessárias políticas públicas capazes de assegurar as condições indispensáveis à sua qualidade de vida e ao desenvolvimento pleno de suas capacidades.



Comissão de juventudes

A Comissão de Juventudes do IRPAA tem como missão articular, acompanhar e fortalecer as ações voltadas para as juventudes nas diversas regiões onde a instituição atua. Composta por um grupo diverso, a comissão se reúne regularmente para avaliar o andamento das iniciativas, mapear demandas emergentes e construir estratégias que ampliem a participação e o engajamento de jovens nos processos de transformação social em seus territórios.

Entre suas atribuições está a elaboração e sistematização de metodologias pedagógicas e projetos voltados à juventude, que são incorporados às ações desenvolvidas pelo IRPAA. A comissão também é responsável por reunir e organizar materiais institucionais relacionados às juventudes e à convivência com o Semiárido, contribuindo para a construção de um acervo que fortalece o olhar político e técnico sobre o tema. A partir de um olhar propositivo e militante, a comissão identifica e articula jovens com perfil para atuar nesse campo, seja dentro ou fora da instituição, incentivando o compromisso com o desenvolvimento de práticas sustentáveis, solidárias e politicamente engajadas.

O trabalho da Comissão não se limita a escolas de formação ou oficinas temáticas. Ele abrange processos educativos mais amplos, voltados para o fortalecimento de práticas agroecológicas, a defesa dos direitos humanos, a promoção da comunicação popular e a incidência em políticas públicas. As atividades visam contribuir na formação de jovens como sujeitos ativos na construção de alternativas para o Semiárido.

A comissão também atua em espaços de mobilização e articulação política, participando de encontros, fóruns e eventos que defendem os direitos da juventude do campo e fortalecem a agricultura familiar. Além disso, promove intercâmbios entre jovens de diferentes comunidades e regiões, fomentando o compartilhamento de saberes, experiências e práticas de organização social que reforçam a luta coletiva e o sentimento de pertencimento ao território.

Perfil das juventudes assessoradas

A maioria do público jovem que participa das ações é composta por mulheres, com idades entre 14 e 30 anos, oriundas principalmente dos Territórios de Identidade Sertão do São Francisco (TSSF), Piemonte do Itapicuru (TIPNI) e Itaparica (TII).

Predominam jovens de Povos e Comunidades Tradicionais, filhos e filhas de agricultores familiares. A maior parte está vinculada a alguma organização, embora alguns não participem de nenhuma e sequer tenham frequentado reuniões comunitárias.

Além de integrarem grupos de jovens, associações e movimentos sociais, as juventudes atuam também em atividades agrícolas e não agrícolas junto às famílias. Muitos colaboram com o trabalho na propriedade ou na comunidade; porém, há jovens que não exercem nenhuma atividade vinculada à família.



Um dado que chama atenção é o envolvimento significativo de mulheres jovens em atividades não relacionadas diretamente à agricultura ou pecuária, como artesanato, beneficiamento de produtos e educomunicação. Outras atuam como professoras, vendedoras em lojas, especialistas em microcrédito e lavadeiras. Já entre os homens jovens, alguns trabalham na agricultura ou em fazendas, enquanto outros realizam bicos e serviços gerais.

A pluriatividade tem se configurado como estratégia familiar para diversificar fontes de renda, ampliar vínculos sociais e viabilizar a permanência no meio rural, mantendo os laços com o território e o patrimônio comunitário. A juventude, por sua capacidade de adaptação e apropriação de novas ferramentas, é protagonista nesse processo, tanto em atividades agrícolas quanto não agrícolas.

Em relação à educação, observa-se um dado promissor: a maioria dos jovens já concluiu o ensino médio, curso técnico ou graduação, ou ainda está em processo de escolarização. Entre esses, há uma predominância de mulheres.

Além da educação formal, é essencial garantir o acesso das juventudes rurais às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), uma vez que a inclusão digital é determinante no contexto atual. Nesse aspecto, a maioria dos jovens tem acesso à internet — alguns exclusivamente por dados móveis, outros por redes Wi-Fi com qualidade razoável.

A maioria dos jovens apontou demandas que requerem apoio do IRPAA para serem implementadas nas comunidades. A principal delas está relacionada à formação social e política, evidenciando o desejo por processos educativos mais amplos.

Outro ponto relevante é que a maioria das temáticas propostas pelos/as jovens se relaciona com atividades não agrícolas ou de cunho cultural, social e político, como: associativismo, relações de gênero, elaboração de projetos, turismo, oficinas literárias e recreativas, educomunicação, cinema, cultura, beneficiamento e geração de renda. Isso indica que os próprios jovens vêm ampliando o leque de possibilidades para a vida no campo, sem, no entanto, desconsiderar atividades relacionadas à produção agropecuária no Semiárido.

Alguns jovens, no entanto, associaram a necessidade de novas atividades a um obstáculo: a suposta falta de compromisso de parte da juventude. Comentários como “a juventude não liga para essas coisas” surgiram, reproduzindo um discurso frequentemente atribuído aos adultos. Isso levanta questões importantes: será essa uma visão reproduzida? Em que contextos vivem esses jovens considerados “desinteressados”? O que os motivaria a participar?

Essas perguntas ajudam a desconstruir visões simplistas e apontam a necessidade de propostas que dialoguem com os jovens não organizados, muitas vezes vistos como “os que não querem nada”. As ações do IRPAA, construídas em parceria com comunidades e organizações sociais, têm potencial para acolher essas inquietações e apontar caminhos. Tais direções podem emergir tanto das contribuições dos próprios jovens quanto da trajetória institucional da organização no trabalho com juventudes rurais.

Mapa das comunidades com atuação de juventudes assessoradas pelo IRPAA





Conhecendo os grupos

Os grupos de jovens envolvidos nas ações são formados por jovens de diferentes faixas etárias e contextos sociais, mas com uma visão comum: a busca pela transformação de sua realidade e melhores condições de vida para sua comunidade. Cada grupo tem objetivos específicos, que variam desde o desenvolvimento de competências profissionais até a luta por direitos sociais e participação política. Relação dos grupos:



**Coletivo de Jovens de
Curaçá, Uauá e Canudos**



Raízes Culturalizadas



**Jovens Lideranças
do Semiárido**



**Coletivo de Juventude
de Café da Rosa**



**República de
Estudantes do Irapá**



Comunica Poço de Fora



Carrapicho Virtual



**Grupo de Jovens de
Serra Branca**



**Jovens Comunicadores
da Caatinga**



Capoeira Bendegó



**Grupo de Jovens
Indígena Tuxi**

Os grupos de jovens atuantes nas comunidades do semiárido nordestino são formados por adolescentes e jovens, em sua maioria com idades entre 16 e 29 anos, organizados de forma coletiva em torno de causas sociais, culturais, ambientais e políticas. Com diferentes trajetórias e objetivos, compartilham o compromisso com a transformação social, a valorização dos territórios, a comunicação comunitária e o protagonismo juvenil.

A maioria dos grupos surgiu a partir de 2019, mas alguns têm trajetórias mais longas, como o Carrapicho Virtual (2010), revelando a continuidade e renovação do engajamento juvenil ao longo do tempo. Os grupos variam em tamanho, com formações que vão de pequenos coletivos (cerca de 6 jovens) até grupos mais amplos com 20 ou mais integrantes. Entre as principais áreas de atuação, destacam-se:



Comunicação comunitária e digital

Produção de conteúdo audiovisual e jornalístico, construção de narrativas próprias sobre o semiárido, como nos grupos Raízes Culturalizadas, Carrapicho Virtual e Jovens Comunicadores da Caatinga.



Participação política e cidadania ativa

Envolvimento em associações, conselhos e espaços de decisão, como no Coletivo de Jovens de Curaçá, Uauá e Canudos e Jovens Lideranças do Semiárido.



Cultura e identidade

Valorização da cultura local e indígena, como no Grupo de Jovens Indígena Tuxi e na Capoeira Bendegó.



Educação e formação coletiva

Experiências como a República de Estudantes do Irpaa mostram formas alternativas de viver e aprender coletivamente.

A diversidade de contextos – urbanos, rurais, indígenas – e a variedade de linguagens utilizadas nas ações (arte, capoeira, comunicação, política) mostram que a juventude da região não apenas resiste, mas reinventa suas realidades, contribuindo ativamente para a construção de um semiárido mais justo, democrático e sustentável.

Dados das atividades

Número de atividades e jovens em ações com as Juventudes em 2024

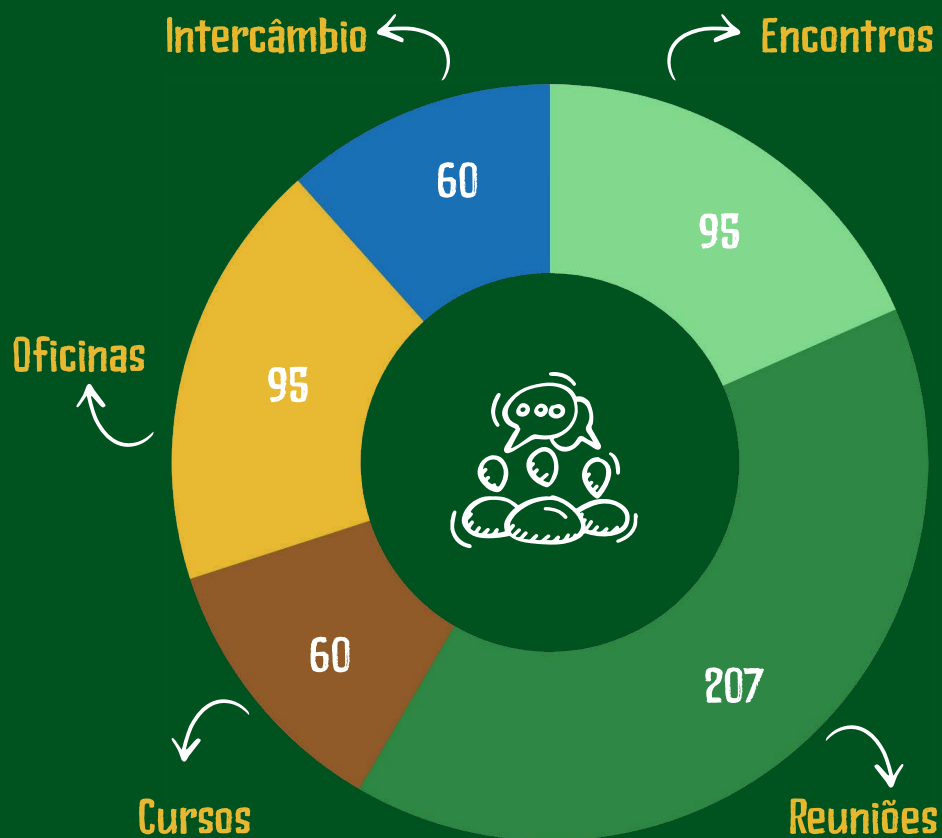


Número de atividades



Número de jovens

Número de jovens por tipo de atividade



Vozes das juventudes

As ações com as juventudes têm como resultado o fortalecimento da participação dos jovens que já estão envolvidos em alguma organização, como também instigar o engajamento das juventudes que ainda não integram nenhum movimento ou grupo organizado. Esse processo formativo e metodológico apresenta como uma ferramenta de fortalecer os movimentos populares e organizações comunitárias e, com isso, ocorra avanços nas lutas das comunidades tradicionais que envolve a defesa e garantia do território, do modo de vida e garantia de políticas públicas que proporcionem a convivência com o semiárido e bem viver, com foco também nas juventudes rurais e suas especificidades.

Dilma Silva dos Reis (Pilão Arcado-BR) República de Estudantes

“Eu não escolhi ser liderança. Eu me tornei uma a partir do olhar de outras pessoas, que viram minha preocupação em buscar melhorias para a minha comunidade e minha iniciativa de correr atrás, sem esperar que outros fizessem por mim. Eles confiaram em mim e sempre me ouvem quando volto de formações ou encontros. É muito gratificante ter essa visibilidade, mesmo sendo uma jovem mãe solteira, e perceber que as pessoas valorizam meu esforço para melhorar nossa comunidade. Isso me motivou bastante, mudou minha visão e me fez me importar mais, me preocupar com a comunidade. Antes, eu nem sabia o que era um fundo de pasto, mas, com as formações, passamos a nos reconhecer como tal. Hoje, me vejo como uma jovem que quer transmitir essa cultura e tradição para meus filhos, netos e as próximas gerações.”



Jaciara Oliveira Santos (Abaré-BR) Juventude do Aldeamento Tuxi

“Essas experiências mudaram e aprimoraram muito minha forma de pensar e agir. Além disso, o IRPAA nos apoia na busca por políticas públicas que tragam bem-estar e desenvolvimento ao semiárido, reforçando nossa ligação com a terra, o território e a cultura. Tudo isso é essencial para meu crescimento pessoal e para o fortalecimento da minha comunidade. O que aprendo, eu levo adiante, multiplicando nos espaços que ocupo, como um trabalho de formiguinha. Quero expressar minha gratidão e pedir ao meu pai Tupã que abençoe as pessoas especiais que fazem o IRPAA acontecer. Conviver com o semiárido fica mais fácil e forte quando estamos juntos, compartilhando experiências e nos apoiando”.



Cilene Miranda de Souza (Campo Formoso) Jovem Liderança do Semiárido

“Está sendo um privilégio participar do Curso de Formação Continuada de Jovens Lideranças para a Convivência com o Semiárido, oferecido pelo IRPAA. Nele, temos muitos aprendizados: revisamos histórias dos nossos antepassados, debatemos diversos temas, fazemos viagens e conhecemos novas pessoas. Eu era tímida, mas o curso me ajudou a me sentir livre para falar e expressar minhas opiniões. Na minha comunidade, participo da associação. Lá, conversamos sobre como trazer benefícios para nossa comunidade, planejamos projetos e fazemos prestações de contas.”



Alan Souza – Coletivo de Jovens CUC (Canudos, Uauá e Curaçá)

“Dos espaços formativos que já participei, destaco a Escola de Formação de Juventudes para a Convivência com o Semiárido, realizada pelo IRPAA. Foi uma experiência intensiva, onde aprendi sobre temas como diversidade sexual, paridade de gênero, novas formas de enxergar a natureza — especialmente a nossa Caatinga — e questões políticas e sociais ligadas aos nossos direitos. É uma formação que aborda a convivência com o semiárido de maneira completa. Isso é essencial, porque se os jovens não se posicionam e não se empoderam dos seus direitos, não conseguem expressar o que querem ou que tipo de políticas públicas precisam. Para lutar por esses direitos, é necessário ter formação política e social, entendendo de fato quais são nossas necessidades. Só assim podemos propor ideias, ocupar espaços e construir um novo modelo de políticas públicas, não só para a juventude, mas para todas as comunidades rurais.”





Desafios e Perspectivas

A conjuntura política brasileira apresenta-se como o primeiro grande desafio. A ascensão do neofascismo, a destruturação de políticas públicas nas áreas trabalhista e social e o congelamento de investimentos em setores essenciais — como saúde, educação e segurança pública — são características marcantes do cenário atual, tornando a vida da população cada vez mais difícil.

Essa realidade é ainda mais acentuada no meio rural. Historicamente, o campo brasileiro foi visto como um espaço de produção, não de moradia. Com o avanço do agronegócio e de grandes empreendimentos — como os dos setores minerário, eólico e de transmissão de energia —, essa concepção se intensifica, deixando as áreas rurais intencionalmente desassistidas por políticas públicas adequadas à manutenção e à reprodução da vida de seus habitantes.

As comunidades tradicionais do semiárido onde atuamos enfrentam esse contexto, e a juventude tem destacado tais desafios em encontros e reuniões. Para os jovens do campo, faltam áreas de lazer, terras em tamanho apropriado, postos de saúde, escolas, políticas de geração de renda, educação contextualizada, estradas em boas condições, conectividade e saneamento básico digno — elementos essenciais para uma vida respeitável.

Além da carência de políticas públicas, os grandes empreendimentos chegam às comunidades prometendo progresso, mas acabam causando danos ambientais e sociais: desmatamento, desarticulação de organizações comunitárias, enganação, alteração nos modos de vida tradicionais e de terras comunitárias.

Dessa forma, o campo coloca os jovens em uma posição subalterna — situação ainda mais grave no caso das mulheres, às quais são impostos os trabalhos domésticos e de cuidado, em vez de oportunidades produtivas e de geração de renda. O espaço rural, conservador, patriarcal e homofóbico, representa um obstáculo adicional à emancipação de uma juventude diversa.

A própria identidade jovem também é um desafio. Nem todos se reconhecem nessa categoria, e esse reconhecimento é fundamental para a mobilização por melhorias. Somam-se a isso as mudanças climáticas, que ameaçam o modo de vida comunitário por meio da desertificação, redução de reservatórios devido à evaporação e estiagens prolongadas, impactando diretamente a juventude.

Apesar dos desafios, os jovens continuam se mobilizando, articulando, reivindicando e produzindo narrativas que retratam sua realidade no semiárido. Fortalecem assim sua identidade sertaneja e mantêm-se em movimento, resistindo e buscando transformações.



Algumas considerações

O trabalho com as juventudes no Semiárido mostra que, quando têm seus direitos reconhecidos e participam de processos formativos e coletivos, os jovens atuam como protagonistas nas transformações sociais, econômicas e ambientais das comunidades onde vivem. As ações realizadas pelo IRPAA e suas parcerias reforçam que é possível permanecer e viver bem no campo, desde que existam políticas públicas consistentes, acesso à educação, tecnologias e espaços de participação real.

Os relatos colhidos ao longo do acompanhamento revelam diferentes trajetórias, marcadas por desafios como o apagamento das juventudes, a desigualdade de oportunidades e a necessidade de fortalecer vínculos com os territórios. Ao mesmo tempo, emergem conquistas importantes: formação política, participação em lutas coletivas e a construção de novos sentidos para viver no meio rural – seja pela comunicação, pela cultura, pela agroecologia ou pela luta por direitos.

A pluriatividade tem sido uma alternativa viável para jovens que desejam diversificar fontes de renda sem romper os laços com a terra. As juventudes demonstram interesse também por outras ações de geração de renda, a exemplo de temas como: gênero, associativismo e educomunicação. Isso mostra um desejo não só de permanecer, mas de transformar o campo em um espaço mais justo e dinâmico.

Depoimentos como os de Alan, Dilma, Jaciara e Cilene ajudam a entender o impacto real das ações formativas e do apoio institucional. Eles mostram que o acesso ao conhecimento, o reconhecimento das vozes juvenis e o trabalho coletivo fazem diferença nas vidas das pessoas e das comunidades. Apesar disso, ainda há desafios importantes, como a descrença nas juventudes — muitas vezes repetida pelos próprios jovens — e a ausência de políticas que garantam acesso à terra, trabalho digno e participação cidadã.

Este relatório reafirma a importância de continuar investindo nas juventudes rurais, reconhecendo-as como parte ativa do presente. A experiência do IRPAA e dos grupos acompanhados mostra que, quando os jovens ocupam espaços de decisão, eles criam alternativas reais de convivência com o Semiárido, fortalecendo a agricultura familiar, a cultura local e a democracia.

O caminho segue sendo coletivo, construído com escuta, diálogo e ação. Como bem disse Jaciara: “a convivência com o Semiárido se torna mais fácil e mais forte quando a gente está junto”.



Juventudes mobilizadas e organizadas são protagonistas na defesa de direitos usando ferramentas de comunicação tornando-se influenciadores da convivência com o semiárido.



Encontro Estadual do Consórcio das Juventudes



II Seminário Jovens CUC



II Encontro das Juventudes do Semiárido



II Módulo CFJL



II Módulo CFJL



III Módulo CFJL



IV Módulo CFJL



V Módulo CFJL



30ª EFJCSAB



Reunião Jovens CUC



Etapa Regional – Seminário Nacional de Juventudes e Meio Ambiente



Reunião Jovens Café da Rosa – Sobradinho



Oficina combate à Desinformação nas Eleições



Oficina de Educom – Festival do Umbu



Reunião – Raízes Culturalizadas



Trilha e roda de conversa estudantes da UNEB



30ª Escola de Formação de Juventude para a Convivência com o Semiárido, Juazeiro-BA



Curso de Liderança Jovens, Juazeiro-BA



Atividade Cultural com Jovens, Juazeiro-BR



Formação sobre educação contextualizada para a Convivência com o Semiárido com professores, Canudos-BR



Reunião com Coletivo de Jovens CUC, Uauá-BA



Estudantes levam a temática das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto para o desfile cívico de 7 de setembro em Juazeiro-BA



Dia de campo com estudantes e estagiários/as, Juazeiro-BA



Intercâmbio com jovens da Escola Família Agrícola de Pedro II, estado do Piauí



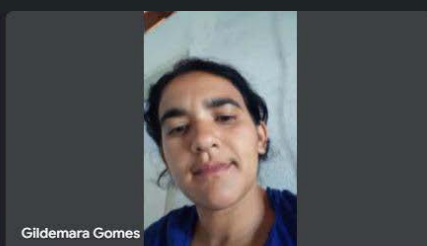
Incidência política dos jovens do grupo Raízes Culturalizadas, na Secretaria de Desenvolvimento Rural, Salvador-BA



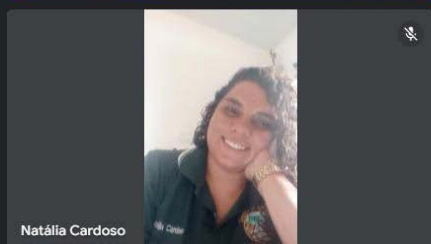
Alan Santos



Yêgo Ravel



Gildemara Gomes



Natália Cardoso



Marianna Oliveira da Mota



Judenilton Oliveira

Reunião com Coletivo de Jovens CUC



Reunião do Comitê Permanente da Juventude Rural, Rio de Janeiro-RJ



Participação na Cúpula do Y20 no Rio de Janeiro-RJ, na Semana do Dia Internacional da Juventude.



1ª Cavalgada e Pega de Boi da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Sítio Antônio Josina, Canudos-BA, organizada pelo Coletivo de Jovens Raízes Culturalizadas Nordestinas



1ª Cavalgada e Pega de Boi em Canudos-BA



Intercâmbio na comunidade de Pau de Colher em Casa Nova-BR



Oficina de Educomunicação com jovens do grupo Carrapicho Virtual comunidade Alfavaca, Juazeiro.



Estudantes do ensino médio de Sento Sé, fazem a Trilha da Convivência com o Semiárido, Juazeiro-BA



Oficina de Educomunicação sobre Recaatingamento com Adolescentes da Escola de Remanso-BA



Reunião com Juventude – Comunidade de Bom Sucesso, Sobradinho-BR



Jovens do Coletivo da Região CUC tomam posse na Coordenação Estadual do Movimento pela Soberania Popular na Mineração, Salvador-BR



Jovens comunicadores participam do Fórum de Audiovisual do Vale do São Francisco, realizado em Juazeiro-BA



Jovens comunicadores participam do Fórum de Audiovisual do Vale do São Francisco, realizado em Juazeiro-BA



Jovens do Bioma Caatinga no Seminário Nacional de Juventudes, Meio Ambiente e Justiça Climática, novembro de 2024, Brasília-DF, onde foi elaborado o Plano Nacional de Juventudes, Meio Ambiente e Justiça Climática



Plenária das Juventudes – 37º Romaria de Canudos–BA



O Seminário Nacional de Juventude, Meio Ambiente Justiça Climática, Brasília-DF



Reunião Coletivo CUC



Realização:



IRPAA
CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Parceria:



**EICHENDORFFSCHULE
EUROPASCHULE**
Gymnasium · Oberschule



www.irpaa.org



[irpaasemiario](https://www.instagram.com/irpaasemiario)